



ANÁLISE DE ESTRUTURA DE TRÊS TRADUÇÕES DO POEMA “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE

Data de recebimento: 01/11/2016

Aceite: 05/12/2016

Bianca Fida CORRÊA (UNIMEP)¹

Resumo: Este trabalho procura apontar as principais diferenças entre as estruturas presentes em três traduções do poema “The Raven” de Edgar Allan Poe, assim como compará-las à estrutura do poema original. Para tal, foram escolhidas as traduções de Machado de Assis, de Emílio de Menezes e de Alexei Bueno, principalmente pelo fato de possuírem tantas divergências entre si. Além da análise das estruturas, serão também apontados os possíveis motivos que estão por trás das escolhas tradutórias realizadas pelos três autores. Considerando a importância de “The Raven” como poesia – em especial sua estrutura impecável –, e de Edgar Allan Poe como autor e poeta, procura-se identificar as diferenças presentes nas traduções e como as mesmas se deram, sem a intenção de escolher a melhor tradução. O foco é, portanto, em levantar essas divergências e os motivos que levaram às mesmas, a fim de explorar e mostrar ao leitor-tradutor algumas características do processo tradutório.

Palavras-chave: Poe. Poesia. Tradução. Estrutura.

Abstract: The purpose of this analysis is to identify the main differences between the structures found in three translations of the poem “The Raven” by Edgar Allan Poe, as well as compare them to the structure of the original poem. The chosen translations were Machado de Assis’, Emílio de Menezes’ and Alexei Bueno’s; mainly because of how much they differ from one another. Beyond the structure analysis, it will also be focused on the reasons behind the translation choices made by the authors. Considering the importance of “The Raven” as poetry – specially because of its remarkable structure – and of Edgar Allan Poe as a poet and an author, it is sought to find the differences in the translation and how they came to be written, with no intention of choosing the best translation. Therefore, the aim is to identify the divergences and its reasons, so as to show the reader and translators some characteristics of the process of translation.

Keywords: Poe. Poetry. Translation. Structure.

1. Introdução

Este trabalho realizará uma análise das estruturas de três traduções do poema “The Raven” (1845) de Edgar Allan Poe. Autor e poeta do século XIX, ele é considerado um dos pioneiros em contos e histórias de investigação. Seus poemas, assim como seus contos,

¹ Graduanda em Letras Inglês – Tradução e Interpretação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba – SP, Brasil. biancafidacorreia@gmail.com



ganharam notoriedade tanto pelos temas peculiares, quanto pelo riquíssimo conteúdo sonoro e estruturas impecáveis (BARROSO, 1998). “The Raven” é, talvez, o poema mais conhecido de Edgar Allan Poe. Isso se dá pelo ritmo, rimas e estrutura perfeitas. A harmonia dos elementos poéticos de “The Raven” é notável. O poema se passa em um aposento escuro onde o eu-lírico está lendo livros antigos, quando um corvo força entrada em sua sala e, deste momento em diante, ambos iniciam um “embate”. O poema, no geral, trata de assuntos como a angústia e o sofrimento pela perda da amada, que é mencionada em diversos momentos, pelo nome de Lenore.

A escolha de análise apenas de estrutura se deu pelo fato de que, na maioria das vezes, o foco das análises é no ritmo e nas rimas. A estrutura, no entanto, representa também grande parte de um poema, consistindo no instrumento que permite a sonoridade e o ritmo. Sem uma estrutura regular, não é possível manter um ritmo estável, que permita rimas sempre no mesmo tempo. Portanto, levando em consideração o fato de que o poema “The Raven” possui estrutura regular em sua totalidade, procura-se, neste trabalho, analisar as traduções realizadas por três autores, e levantar as seguintes questões: a estrutura da tradução se manteve de acordo com a estrutura do original? Caso tenha sido mudada, as rimas puderam, ainda assim, se manter? E o que pode ter levado os tradutores a optar por essas mudanças?

Ao realizar a escolha das três traduções que seriam utilizadas para análise, foram selecionadas as mais contrastantes entre si, pois o fato de possuírem estruturas tão diferentes umas das outras gera curiosidade no leitor-tradutor de saber como aquele processo de tradução se deu – e seus motivos.

Portanto, as três traduções que serão analisadas são as de 1) Machado de Assis (1883), 2) Emílio de Menezes (1917) e 3) Alexei Bueno (1980). Cada uma se desenvolveu de forma particular e, dentre elas, têm-se uma em formato de sonetos, uma em métrica irregular e uma em métrica regular. A análise dessas diferenças – e de seus porquês – será realizada adiante.

2. Pressupostos teóricos

2.1 Poe e sua Poesia

A estrutura de um poema consiste na junção de “metro”, “verso” e “ritmo”; os poemas seguem, geralmente, regras que os definem e os formam. Essas regras subdividem, então, os versos em pés (segmentos), que são denominados, por sua vez, “sílabas poéticas” –



que podem ser fortes ou fracas. O ritmo, portanto, consiste na sonoridade gerada dessas sílabas no decorrer dos versos. Até o início do século passado, é necessário mencionar, valorizava-se acima de tudo a contagem silábica dos versos – isso definia a métrica de um poema.

Em construções poéticas, o verso é muito aparente em sua disposição na página. Cada um irá ocupar uma linha, e cada um possuirá seu próprio ritmo. Um determinado conjunto de versos irá compor uma estrofe, e é nas estrofes que encontramos, muitas vezes, as rimas – que consistem na semelhança sonora no fim dos versos. Pode-se dizer que, o fato de ser organizado em versos e estrofes, é o que distingue o poema de, por exemplo, uma prosa – que possui linhas ininterruptas. (GOLDSTEIN, 1998)

“The Raven” – “O Corvo” – é o poema mais famoso de Poe, de características góticas e temática obscura, foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1845, no *New York Evening Mirror*. Os elementos mais notáveis foram, logo de início, a rigidez matemática da métrica e sua extraordinária sonoridade. Ambos os elementos serão tratados nesta análise de estrutura.

Edgar Allan Poe é considerado parte do Movimento Romântico Americano. Portanto, nota-se em suas obras, características românticas, como a beleza poética e o distanciamento da realidade, ainda que muitos de seus trabalhos se assemelhem mais ao gênero gótico – que deu origem ao Romantismo Sombrio. (BRITO, 2014).

Sabendo que “The Raven” possui métrica regular, tem-se agora que entender como se construíram as traduções que serão aqui analisadas.

A tradução de Machado de Assis, por exemplo, possui estrofes maiores e versos menores que o poema de Poe. Isto fez com que, estruturalmente, sua tradução não se assemelhasse a “The Raven”, o que interferiu também nas rimas.

Emílio de Menezes, por sua vez, prezava pela métrica de seus poemas – e não o fez diferente em sua tradução. No entanto, sua métrica perfeita não foi de acordo com o poema em inglês, mas sim com o que Menezes já estava acostumado a escrever. Como resultado, cada estrofe de The Raven se tornou um soneto.

Alexei Bueno, por fim, em sua tradução, tentou ser o mais fiel – equivalente – possível à métrica do poema, sendo também o tradutor que mais se aproximou estruturalmente de “The Raven”.

Para início da análise, tem-se uma apresentação da métrica do poema.



2.2 - “The Raven”

O poema “The Raven” possui 18 estrofes de 6 versos, todas de características idênticas. Todos os versos consistem em pés trocaicos – um pé trocaico se define por um par de sílabas, no qual a primeira é forte e, a segunda, fraca.

É necessário mencionar, antes da análise, que o pé é a medida utilizada na contagem de sílabas poéticas dos poemas em inglês, o que não ocorre no português. No poema em inglês, o pé trocaico, também conhecido como “troqueu”, apresenta, portanto, mais dificuldade de ser reproduzido na língua portuguesa (e latinas no geral), do que na língua inglesa (e germânicas no geral). Ou que são, ao menos, reproduzidos diferentemente. Isso se dá pela diferença de formação silábica; no inglês, as palavras possuem geralmente menos sílabas que as palavras no português. Existem, inclusive, pesquisas que estudam a “tendência trocaica inicial” – que consiste no estudo da predominância do pé trocaico na pronúncia de palavras por crianças que estão no processo de aquisição da língua. A maioria dos estudos, no entanto, são sobre línguas germânicas, principalmente o inglês, e a maioria corrobora com a alegação de que há, realmente, uma tendência trocaica inicial (em línguas germânicas). Pensando nisso, já foi investigada essa mesma característica em línguas não-germânicas. No entanto, em estudos sobre o espanhol, o francês e, inclusive, o português brasileiro, não foram encontrados tais traços da “tendência trocaica inicial”. (BAIA, 2008)

É levando esses estudos e as diferentes formações do inglês e do português em consideração que a análise será realizada, pois deve-se levar em conta o fato de que há um grande obstáculo em reproduzir, no seu total, em português, a métrica original de Poe, escrito inteiramente em pés trocaicos.

Dando continuidade à análise da métrica de “The Raven”, em todas as estrofes, o primeiro e terceiro versos possuem 8 pés – ou seja, o equivalente a 16 sílabas, com a última sílaba forte sendo a décima quinta. Na língua inglesa, a nomenclatura para essas características de verso, é “*trochaic octametre acatalectic*”. Esses versos são também aqueles que rimam no seu interior, e não entre si. O segundo, quarto e quinto versos possuem sete pés e meio, o equivalente a 15 sílabas; esse arranjo de 15 sílabas foi proposital, a fim de colocar o acento no final “ore”, que consiste na principal rima do poema, na qual está incluso “Nevermore”. Percebe-se que esses versos, agora, rimam entre si, e não no seu interior. Na



língua inglesa, a nomenclatura para essas características é "*trochaic octametre catalectic*". Em seu texto "The Philosophy of Composition", Poe chama esses versos de "heptametre catalectic", no entanto, acredita-se que tenha sido apenas uma imprecisão do poeta, ou até mesmo um engano. (MASINI, 2002)

O último verso de cada estrofe, com apenas 7 sílabas, consiste, então, em 3 pés e meio, com o acento final no "ore" de "Nevermore". Em inglês, esse verso é chamado "*trochaic tetrametre catalectic*". Outra de suas características é o fato de rimar com o segundo, quarto e quinto versos também. (MASINI, 2002)

Segue abaixo, agora, a demonstração da métrica mencionada na primeira estrofe de "The Raven". Primeiramente, deve-se ler a estrofe sem a análise da métrica:

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.
"Tis some visitor," I muttered, "tapping at my chamber door—
Only this, and nothing more." (POE, 1845)

Agora, segue abaixo essa estrofe com a análise da métrica. Cada verso está dividido em pés trocaicos. Em caixa alta e negrito estão as sílabas fortes e em caixa baixa as sílabas fracas. As palavras em azul representam as rimas *no interior* do verso, e as palavras em vermelho consistem nas rimas *entre* os versos.

1º verso: ONCE – u PON – a MID – night DREA – ry
WHILE – I PON – dered WEAK – and WEA – ry
2º verso: O – ver MA – ny a QUAIN – T – and CU – rious
VO – lume OF – for GOT – ten LORE
3º verso: WHILE – I NOD – ded, NEAR – ly NAP – ping
SUD – den LY – there CAME – a TAP – ping
4º verso: AS – of SO – meone GEN – tly RAP – ping
RAP – ping AT – my CHAM – ber DOOR
5º verso: "TIS – some VI – si TOR," – I MUT – tered
"TAP – ping AT – my CHAM – ber DOOR.



6º verso: ON – ly THIS, – and NO – thing MORE.”

Com a análise acima, nota-se as características já mencionadas da métrica do poema. Todos os versos com final “ore” possuem uma sílaba a menos, portanto, 3 pés trocaicos e meio, para dar a entonação desejada por Poe. E o último verso é menor por consistir no desfecho de cada estrofe, o que contribui com a sonoridade do poema.

É possível notar também, já nessa primeira estrofe, as rimas internas e externas do poema, representadas pela cor azul e vermelho. Essas rimas consistem em um dos elementos mais complicados que devem ser reproduzidos nas traduções. Portanto, a capacidade de manter as rimas junto à estrutura será um aspecto também analisado.

3. Análise

3.1 Tradução de Machado de Assis

Machado de Assis é considerado o primeiro prosador da língua portuguesa e, muitas vezes, o “maior e mais completo homem de letras do Brasil” (COUTINHO, 1967). Com mais de 50 anos de carreira literária, alcançou reconhecimento pelas qualidades que o distinguiam, sendo considerado, muitas vezes, urbano, aristocrata, cosmopolita, reservado e cínico. Autodidata, aprendeu grande parte do que sabia sozinho, e trabalhou em nomes como o Correio Mercantil (1859), o jornal Diário do Rio de Janeiro (1860), o Diário Oficial (1867); escreveu também para O Cruzeiro, A Estação, a Revista Brasileira, a Gazeta de Notícias e O Globo.

No entanto, esquecem-se, às vezes, de mencionar que ele era, também, tradutor. Traduziu mais de 40 obras, e nem todas do idioma no qual foram escritas originalmente. Sendo o francês a língua dominante de sua época, traduziu diversos poemas de traduções já realizadas para o francês – como poemas de Schiller, Heine e Cowper (BARRETTO, 2007). Diante disso, pode-se chegar à conclusão de que também tenha traduzido “The Raven” da versão francesa de Baudelaire – e não do original em inglês.

Em sua tradução, nota-se, estruturalmente, diversas discrepâncias em relação ao original. Talvez tendo sido influenciado pelo parnasianismo de sua época, o autor tenha se recusado a traduzir “The Raven” para versos maiores que 13 sílabas poéticas, daí saíram seus versos menores e estrofes maiores que o original. No entanto, ao contrário dos valores de



métrica dos parnasianos, Machado de Assis traduziu para versos irregulares, tendo sua primeira estrofe a seguinte contagem de sílabas poéticas: 8-8-12-8-10-10-10-8-12-8. Com isso, nota-se também que as estrofes do poema, originalmente com 6 versos, agora, para Machado, possuem 10 versos.

Segue abaixo, então, a demonstração da métrica mencionada da tradução da primeira estrofe. Primeiramente, segue a estrofe sem análise:

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta,
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras tais:
“É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais”. (ASSIS, 1883)

Agora, segue abaixo a estrofe com a análise da métrica. Em negrito estão as sílabas fortes e o restante são as sílabas fracas dentro do poema. As palavras em vermelho consistem nas rimas *entre* os versos.

Em | cer | to | di | a, à | ho | ra, à | **ho** | **ra**
Da | mei | a | noi | te | que **a** | **pa** | **vo** | **ra**,
Eu, | ca | in | do | de | so | no e e | xaus | to | de | **fa** | **di** | **ga**,
Ao | pé | de | mui | ta | lau | da **an** | **ti** | **ga**
De u | ma | ve | lha | dou | tri | na, a | go | ra | **mor** | **ta**,
Ia | pen | san | do, | quan | do ou | vi | à | **por** | **ta**,
Do | meu | quar | to um | so | ar | **de** | **va** | **ga** | **ri** | **nho**,
E | dis | se es | tas | pa | la | vras | **tais**:
“É al | guém | que | me | ba | te à | por | ta | de | **man** | **si** | **nho**;
Há | de | ser | is | so e | na | da | **mais**”.



Com a análise acima é possível notar diversos aspectos da tradução de Machado de Assis. Um elemento curioso é a inexistência de rimas internas – um traço marcante do poema de Poe. Na tradução de Machado, elas sumiram, devido principalmente ao fato dos versos terem sido diminuídos, o que dificulta a criação de rima dentro dos mesmos.

Observa-se, também, rimas de sons diferentes dentro da mesma estrofe, o que não ocorre da mesma forma no original. Na primeira estrofe de “The Raven”, as rimas internas são entre final –eary e –ap, e todas as externas entre final –ore. Na tradução de Machado, todas as rimas são externas e diversificam entre os finais –ora, –iga, –orta, –inho e –ais. Esses sons a mais que foram incluídos na tradução de Machado representam outro fator que interferiu na sonoridade do poema, em comparação com o original. Isto porque, enquanto os sons são quase todos os mesmos no poema de Poe – fazendo-o soar musical – o de Machado de Assis possui sons diferentes demais, não proporcionando a mesma musicalidade.

Com relação à divisão de sílabas poéticas, é necessário lembrar que, no português, a contagem das mesmas acaba na última sílaba tônica do verso, por isso o resultado de: 8-8-12-8-10-10-10-8-12-8 nessa primeira estrofe. É possível constatar também a irregularidade dos versos e, por consequência, da estrofe.

A questão da presença dos pés trocaicos não deve ser levada em consideração, tendo em vista que não há uma sequência fixa de sílaba tônica + sílaba átona, como pode ser observado, o que impossibilita a contagem de pés – permitindo apenas a de sílabas, como sempre é realizado na língua portuguesa.

3.2 Tradução de Emílio de Menezes

Emílio de Menezes nasceu no Paraná, em 4 de julho de 1886. Parnasiano e simbolista, ganhou maior notoriedade no meio literário após a publicação de “Poesias”, em 1907. Menezes fez parte da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras (1915) e colaborou com a Revista O Pirralho. Passou a fazer parte também da Academia Brasileira de Letras, em abril de 1918. No entanto, no mesmo ano, em junho, veio a falecer no Rio de Janeiro. (NUNES, 1996)

Sua poesia, como já dito, ganhou notoriedade devido à estética parnasiana, o que significa que a maioria de seus poemas eram sonetos. Faz-se necessário, portanto, apresentar a formação de um soneto e suas particularidades.



Anteriormente ao Modernismo, que conquistou a “liberdade literária”, as estrofes mais usadas pelos poetas eram os tercetos (três versos), os quartetos (quatro), as quintilhas (cinco), as sextilhas (seis), as oitavas (oito) e as décimas (dez). Um soneto é composto por quatro estrofes, dois quartetos e dois tercetos, respectivamente. Ele é, no entanto, um formato mais fixo, e ocorre, geralmente, em versos de 10 ou 12 sílabas poéticas. As rimas são sempre, nas duas primeiras estrofes, no sentido ABAB, enquanto as duas últimas estrofes rimam entre si, ficando CCD-EED (GOLDSTEIN, 1998).

Emílio de Menezes, parnasiano e simbolista, traduziu “The Raven”, portanto, para sonetos. Cada estrofe do poema original se tornou um soneto em sua tradução, e cada um desses sonetos vem com uma numeração, de acordo com a estrofe do original que está representando. Com base nas informações acima, segue o primeiro soneto de “O Corvo” de Emílio de Menezes, equivalente à primeira estrofe do original:

I.

Desta amarga existência em certo amargo dia,
À hora da meia-noite, augural e profana,
Eu, de velha doutrina, as páginas relia
Curvo ao peso do sono e da fadiga insana.

Mal do meu pensamento a direção seguia
Por essa hora de horror em que da treva emana
Toda em funda hediondez, desoladora e fria,
Da atra recordação da atra saudade humana.

Foi assim que senti, do meu triste aposento,
Como um leve sussurro passar, lento e lento,
E uma leve pancada a bater nos umbrais

Disse comigo: é alguém que bate pela noite fora,
Vem, retarda visita e retarda-se agora...
A bater mansamente à porta, nada mais!... (MENEZES,1917)

Segue, agora, uma análise da estrutura deste soneto. Em negrito estão as sílabas fortes e o restante são as sílabas fracas. As palavras em vermelho consistem nas rimas *entre*



os versos, e seguem, também, as letras ABCDE para indicar a ordem das rimas típicas de um soneto.

I.

Des | ta a | mar | ga e | xis | t ê n | cia em | cer | to a | mar | go | di | a, (A)

À ho | ra | da | mei | a | noi | te, au | gu | ral | e | pro | fa | na, (B)

Eu, | de | ve | lha | dou | tri | na, as | pá | gi | nas | re | li | a (A)

Cur | vo ao | pe | so | do | so | no e | da | fa | di | ga in | sa | na. (B)

Mal | do | meu | pen | sa | men | to a | di | re | ção | se | gui | a (A)

Por | es | sa ho | ra | de hor | ror | em | que | da | tre | va e | ma | na (B)

To | da em | fun | da he | dion | dez | de | so | la | do | ra e | fri | a, (A)

Da a | tra | re | cor | da | ção | da a | tra | sau | da | de hu | ma | na. (B)

Foi | as | sim | que | sen | ti | do | meu | tris | te a | po | sen | to, (C)

Co | mo um | le | ve | sus | sur | ro | pas | sar, | len | to e | len | to, (C)

E u | ma | le | ve | pan | ca | da a | ba | ter | nos | um | brais (D)

Dis | se | co | mi | go: é al | guém | que | pe | la | noi | te | fo | ra, (E)

Vem | re | tar | da | vi | si | ta e | re | tar | da | se a | go | ra... (E)

A | ba | ter | man | sa | men | te à | por | ta, | na | da | mais!... (D)

Pode-se notar a partir da análise acima, que o soneto de Emílio de Menezes é um típico soneto dodecassílabo (12 sílabas poéticas por verso), assim como todos seus outros sonetos que representam as outras estrofes de “The Raven”. As rimas entre os versos novamente não aparecem nesta tradução, pois ainda que o tradutor tenha se permitido mais espaço nos versos, ao seguir o modelo clássico de soneto, as rimas no interior não se fizeram presentes. Há, no entanto, certa semelhança sonora dentro dos versos. Como, por exemplo, a repetição de “amargo (a)” no primeiro verso, as palavras “doutrina/relia” – com mesmo final –ia – no terceiro e a repetição de “retarda” no décimo terceiro. Outro aspecto a ser analisado é



a utilização repetida de mesma consoante dentro dos versos para deixar o poema mais musical, como a sonoridade do “s” no quarto verso, do “m” no quinto, do “r” no sexto, do “z” no sétimo, do “tr” no oitavo, do “t” no nono e do “s” no décimo.

Novamente, a análise da presença dos pés trocaicos não será realizada devido à ausência de uma sequência fixa de sílaba tônica + sílaba átona, que é indispensável à contagem dos troqueus.

3.3 Tradução de Alexei Bueno

Alexei Bueno nasceu em 26 de abril de 1963, no Rio de Janeiro, e é um dos poetas mais premiados da nova geração do Brasil, além de um grande estudioso da literatura brasileira. É, também, tradutor. Sua tradução de “The Raven” já foi, inclusive, considerada uma das únicas “que respeitaram a poesia, e que resgatam pelo menos parte de seu impacto” (MASINI, 2002).

Bueno é defensor dos poemas longos e de temática profunda, tendo, em 2002, criticado a “ditadura” poética atual que tenta se ver livre dessas características, onde afirma que “há na poesia que se faz nos dias de hoje no Brasil, uma corrente que considera ‘poeticamente incorreto’ ser sério e encarar a realidade”. (BUENO, 2002)

Nota-se, portanto, que sua tradução de Edgar Allan Poe se desenvolveu o mais próximo do original possível. Segue abaixo sua primeira estrofe:

Numa meia-noite cava, quando, exausto, eu meditava
Nuns estranhos, velhos livros de doutrinas ancestrais
E já quase adormecia, percebi que alguém batia,
Num soar que mal se ouvia, leve e lento, em meus portais.
Disse a mim: “É um visitante que ora bate em meus portais -
É só isto, e nada mais”. (BUENO, 1980)

Segue abaixo a análise da métrica de sua primeira estrofe. Em caixa alta e negrito estão as sílabas fortes e em caixa baixa as sílabas fracas. As palavras em azul representam as rimas *no interior* do verso, e as palavras em vermelho consistem nas rimas *entre* os versos:

1º NU | ma | **MEI** | a | **NOI** | te | **CA** | va,
QUAN | do, e | **XAUS** | to, eu | **ME** | di | **TA** | va



- 2° NUNS | es | TRA | nhos, | VE | lhos | LI | vros
DE | dou | TRI | nas | AN | ces | TRAIS
- 3° E | já | QUA | se a | DOR | me | CI | a,
PER | ce | BI | que al | GUÉM | ba | TI | a,
- 4° NUM | so | AR | que | MAL | se ou | VI | a,
LE | ve e | LEN | to, em | MEUS | por | TAIS.
- 5° DIS | se a | MIM | é um | VI | si | TAN | te
QUE O | ra | BA | te em | MEUS | por | TAIS -
- 6° É | só | IS | to, e | NA | da | MAIS”.

Com a análise acima, nota-se que as características do poema de Alexei Bueno são iguais às do original de Poe. E, mesmo com a grande dificuldade de reproduzir os pés trocaicos em português, Alexei Bueno conseguiu manter o mesmo número de sílabas tônicas + sílabas átonas – sem sobrar uma sílaba sequer. Todos os versos com final “ais” possuem uma sílaba a menos, portanto, seria o equivalente aos 7 pés trocaicos e meio do poema original, e todos os versos que rimam entre si seriam equivalentes aos 8 pés trocaicos do poema em inglês. E, o último verso, por ser menor, seria o equivalente aos 3 pés trocaicos e meio do poema de Poe. É possível notar também que as rimas internas e externas do poema permaneceram precisamente nos mesmos lugares que o original.

4. Considerações finais

É necessário, agora, levantar novamente as questões apresentadas na introdução deste trabalho: a estrutura (métrica) da tradução se manteve? Caso tenha sido mudada, as rimas puderam, ainda assim, se manter? E o que pode ter levado os tradutores a optar por essas mudanças? As perguntas serão, portanto, respondidas respectivamente, tradutor por tradutor.

Na tradução de Machado de Assis, a estrutura não foi mantida, pois as estrofes se tornaram maiores e os versos menores, e cada verso apresenta uma contagem diferente de sílabas poéticas, uns mais curtos e outros mais longos. As rimas, conseqüentemente, não puderam ser mantidas, pois a mudança de estrutura acabou acarretando na perda das mesmas



presentes no interior do primeiro e terceiro verso, além das rimas no final dos versos terem se diversificado em sons muito diferentes.

Há muitos fatores por trás da tradução de Machado de Assis. Suas escolhas tradutórias, apesar de às vezes contraditórias e, muitas vezes, questionadas, deram vida a uma tradução até hoje muito consagrada, sendo uma das – senão a mais – conhecida de todas as traduções.

A tradução de Emílio de Menezes também não manteve a estrutura do original, pois cada estrofe se tornou um soneto, com as características particulares do mesmo – os seus possuem versos dodecassílabos. As rimas também não se mantiveram na mesma configuração do original, mas sim condizentes com o formato de soneto, portanto aparecem no modelo ABAB-ABAB-CCD-EED já mencionados. Conseqüentemente, não houve como reproduzir as rimas internas dos versos.

Emílio de Menezes já era poeta parnasiano e simbolista quando traduziu “The Raven”. Não é inusitado que, pertencente a tais correntes literárias, tenha optado por sonetos. Considerando seus objetivos e o que defendia, ainda que muito distante do original, sua tradução se formou muito bem.

A tradução de Alexei Bueno, por fim, se manteve estruturalmente igual ao original, em quantidade de estrofes, versos, sílabas poéticas, sílabas tônicas + sílabas átonas e rimas nas mesmas posições. O tradutor pode ter escolhido se manter fiel à estrutura principalmente por “The Raven” se tratar de um “poema longo e de temática profunda”, características estas que Alexei Bueno acreditava proporcionar mais riqueza à poesia.

Em suma, cada tradutor em seu tempo, com suas próprias particularidades e ideias sobre poesia, produziu um tipo de tradução. Cada um tentou manter-se fiel a algo, mas, acima de tudo, a eles mesmos. Machado de Assis, Emílio de Menezes e Alexei Bueno traduziram diferentemente, e passaram as ideias contidas no poema diferentemente. No entanto, cada um atingiu o objetivo que procurava alcançar ao decidir traduzir “The Raven”.

É notável que em cada tradução aqui analisada haja um traço específico de cada um dos autores e poetas que traduziram o poema. É importante, também, ressaltar que o objetivo geral e principal ao traduzir foi atingido pelos três tradutores, pois ao ler a tradução de Alexei Bueno, de Machado de Assis ou de Emílio de Menezes, o leitor terminará entendendo a angústia sentida pelo eu-lírico que, no seu momento de saudades e luto, se depara com um corvo em seu aposento; ainda que cada leitura proporcione uma interpretação diferente desse



cenário e desses acontecimentos, assim como a própria leitura de “The Raven” despertará diferentes sentimentos e interpretações de pessoa para pessoa – sendo este o motivo pelo qual nenhuma tradução se assemelha a outra.

O objetivo deste trabalho não era apontar a melhor tradução entre as três escolhidas, considerando as informações acima e o fato de existirem tantas outras traduções de “The Raven”. O objetivo deste trabalho era analisar a métrica das traduções e apresentar hipóteses sobre os motivos pelos quais os tradutores optaram pelas mudanças que optaram. Lembrando que a tradução é uma interpretação expressa em palavras em outra língua – e a interpretação de qualquer texto cabe ao leitor formular, sendo a reprodução desta interpretação imensamente mais complicada do que a própria interpretação em si.

5. Referências

- BAIA, Maria de F. de A. **Estudo experimental sobre o formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 37 (2): 27-36, maio-ago. 2008.
- BARRETO, Eleonora Frenkel. **O original na tradução de Machado de Assis**. In Scientia Traductionis. Nº 4, Jun, 2007.
- BARROSO, Ivo. **O corvo e suas traduções**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998.
- BRITO, Pedro A. de O. **O Acorveamento de Poe**. Março, 2014.
- COUTINHO, Afrânio. **Machado de Assis**. Revista Hispânica Moderna. Ano 33, nº 1/2, p. 109-126, jan-abr/1967.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, Sons, Ritmos**. Série Princípios; Editora Ática; 10ª edição; São Paulo, 1998.
- MASINI, André C. S. **Poesia e Tradução**, palestra proferida na Casa da Palavra de Santo André, SP, 27/06/2002.
- NUNES, Zilma G. **O Verso e o Universo Risível de Emílio de Menezes em Mortalhas (Os Deuses em Ceroulas)**. Anuário de Literatura, p. 177-191, 1996.